

A OUTRA FACE DA GESTÃO – UMA ANÁLISE FÍLMICA

LUANA JÉSSICA OLIVEIRA CARMO

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

luanajeoli@gmail.com

AMANDA FONTES SILVA

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

amandaf_silva@hotmail.com

A OUTRA FACE DA GESTÃO – UMA ANÁLISE FÍLMICA

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade voltada para o consumo, aparência, sucesso profissional e segregação da sociedade em tribos, poucas pessoas tiram um tempo da rotina corrida para refletir sobre as atitudes que são tomadas quase que de maneira automática. Essa falta de tempo é resultado, principalmente, de uma vida focada na ascensão de carreira e na melhoria do desempenho. Também está associada com a busca pela qualidade de vida que, segundo Pires (2007, p.14), “é um estado de satisfação decorrente da realização progressiva dos nossos desejos mais elevados. Em duas palavras, ter uma boa qualidade de vida é ser feliz”. Esse ideal é ditado pela ideologia gerencialista, que pelo empoderamento do mercado e pelo triunfo da racionalidade instrumental transforma o ser humano em um recurso ajustável às organizações.

Dentre os diversos materiais que existem acerca do tema, o filme *Gattaca – A experiência genética* foi escolhido como ferramenta base desse estudo por ilustrar uma crítica à sociedade que define padrões e ao mercado que impõe as regras de aceitação do indivíduo em uma sociedade. A análise fílmica tem sido utilizada no campo da administração para analisar fenômenos organizacionais como nos trabalhos de Freitas e Leite (2015) e Assis *et al.* (2016).

Para tanto, foi utilizado como obra principal o livro de Vincent de Gaulejac, *Gestão como doença social*, como fundamentação para a análise do filme *Gattaca – A experiência genética*. A obra de Gaulejac foi publicada em 2007 e tem como foco abordar a ideologia, o poder gerencialista e a fragmentação social. O autor analisa alguns aspectos da sociedade atual, trazendo indagações como, por exemplo: o que é gestão? Será que realmente tudo se gere? Será que, de fato, o domínio da tecnologia anteparada pelo mercado afetará a sociedade de tal modo como é representado no filme?

Bem como no filme, o livro distingue os válidos dos inválidos, sendo esses últimos os que não conseguiram acompanhar o desenvolvimento dos primeiros ou os que não alcançaram o desempenho satisfatório dentro das organizações. O discurso gerencialista prega com recorrência os padrões de qualidade, padrões de excelência e padrões de sucesso. Já na obra cinematográfica, existe um padrão de ser humano válido, que são as pessoas concebidas geneticamente por laboratórios. Eles eram superiores aos “filhos da fé” ou “inválidos”, e, por essa discriminação, os inválidos só conseguiam trabalho como invisíveis sociais.

Desse modo, esse trabalho objetiva discutir sobre a outra face da gestão tratada no livro *Gestão como doença social*, de Vincent Gaulejac, por meio de uma análise do filme *Gattaca – A Experiência Genética*. De acordo com Alvarenga *et. al* (2012), a importância em se utilizar a linguagem fílmica como recurso didático em ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração, está no espaço em que vem ganhando e na abertura para novas perspectivas que despertam o interesse de pesquisadores.

Sendo assim, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: o referencial teórico contempla inicialmente o sujeito na psicossociologia e o debate sobre o trabalho como fonte de prazer e sofrimento. Posteriormente, são apresentados os conceitos da ideologia gerencialista e o culto ao desempenho e a excelência, utilizando como autores principais Gaulejac (2007) e Enriquez (1997). Na metodologia apresentou-se a importância da análise fílmica e os conceitos de Caradeau (1983, 2001, 2006) sobre a análise do discurso. Por fim, foram apresentadas as considerações finais desse trabalho, sugerindo ao leitor uma reflexão sobre o tema e sobre os impactos causados pela ideologia gerencialista na vida social dos sujeitos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica teve como foco envolver conceitos e ideias dos principais autores a respeito do sujeito na psicossociologia, o prazer e sofrimento do trabalho, o discurso gerencialista e o culto ao desempenho e excelência. Gaulejac e Enriquez são os principais estudiosos de tais temáticas, que serviram como base de pesquisa para outros autores, que serão abordados a seguir.

2.1 O sujeito na psicossociologia

A psicossociologia surgiu na década de 1930, buscando investigar sobre articulação entre campo social, condutas humanas e vida psíquica. Ela direciona seus estudos para os mediadores entre indivíduo e sociedade, ou seja, os grupos, as organizações e as instituições (ENRIQUEZ, 1990; LHUILIER, 2014). Assim, a psicossociologia busca investigar as relações entre o individual e o coletivo, o psíquico e o social. Nessa perspectiva, considera-se que os grupos sociais são mediadores da vida pessoal dos indivíduos, e são criados, regidos e transformados por eles (BENDASSOLI; SOBOLL, 2011).

Enquanto a sociologia estuda a sociedade e a psicologia estuda o sujeito, para a psicossociologia, o sujeito é parte do social, e ambos devem ser estudados. De acordo com Bendassoli e Soboll (2011), essa corrente estuda o indivíduo em situações sociais reais, e situações que existem fora dele e pelas quais ele é influenciado. São cenários que o sujeito é capaz de compreender e também de influenciar. Dessa forma, parte-se do entendimento que todo indivíduo é perpassado por um âmbito social, sendo que o sujeito pertence a diversos grupos, o que faz com que tenha múltiplas identificações (ENRIQUEZ, 1990).

De acordo com Enriquez (2001) a conduta do indivíduo é estruturada social e culturalmente. Ele caracteriza o indivíduo como heterônomo, o qual só existe e só pode funcionar no interior de um social dado. Entretanto, o autor afirma que mesmo no indivíduo mais heterônomo, existe espaço para a autonomia. Sobre essa dicotomia em relação ao social ser determinado e imposto ao sujeito, Lhuilier (2014) afirma que, para a psicologia social, o social comporta o que já está dado, mas também é transformado pelas dinâmicas coletivas, ou seja, considera a ação do sujeito sobre seu meio como uma ação transformadora. Para a autora, o que faz a sociedade é um conjunto dinâmico de transformação da realidade (LHUILIER, 2014, p. 10).

Enriquez (2001) traz uma diferenciação do indivíduo individualizado para o sujeito. O primeiro está preso nas malhas da coletividade, se limita a repetir, reproduzir e recriar o funcionamento social tal qual ele é. Seu inverso é o sujeito. O sujeito humano é criativo, ele tem escolhas. Ele tenta sair dessas malhas da coletividade para tentar transformá-la, sendo criador de sua própria história.

Lhuilier (2014) fala sobre a criatividade como uma prova de boa saúde e a falta dela pode representar uma doença. A autora destaca que as repetições, a submissão, o ambiente ameaçador e até mesmo os aspectos da história do sujeito podem representar obstáculos à criatividade. Situações aplicadas ao contexto atual, como as ameaças de demissões, acidente do trabalho, doença, reconversão profissional imposta, migração forçada também são fatores que impedem o desenvolvimento da criatividade.

Ainda conforme Lhuilier (2014), em contextos em que reinam o pensamento único e a exigência de conformidade, existe um bloqueio da criatividade. “Pertencer supõe então repetir. Não fazê-lo é correr o risco de, em primeiro lugar, ser estigmatizado e, em seguida, ser excluído” (LHUILIER, 2014, p. 14). Nesse sentido, pertencer a um grupo significa adotar a identidade coletiva e abstrair-se da identidade individual. Semelhante a isso, Enriquez

(1990) afirma que, quanto maior a identidade coletiva, menor o questionamento e menor a autonomia. De acordo como autor, a massa não conhece a incerteza. Pelo poder mágico das palavras, há a instauração da certeza ao invés da busca pelo saber. Esse debate traz a tona o que será discutido sobre a ideologia gerencialista, mas antes se faz necessária uma breve apresentação sobre o prazer e o sofrimento no trabalho.

2.2 O trabalho como fonte de prazer e sofrimento

O questionamento da relação entre sujeito e trabalho é objeto de estudo das clínicas do trabalho. Bendassoli e Soboll (2011) destacam as duas faces do trabalho: de um lado fonte de atividade criativa e, do outro, a sublimação. Segundo Gaulejac (2007), é por meio da atividade (trabalho) que o sujeito se desenvolve e se afirma. Na concepção de Carvalho e Garcia (2011), o prazer vivenciado no trabalho favorece a valorização e o reconhecimento quando se apresenta como algo significativo e relevante para a sociedade. Entretanto, por outro lado, o trabalho representa fonte de sofrimento e desgaste. O sofrimento surge da atividade impedida, do desenvolvimento bloqueado (BENDASSOLI; SOBOLL, 2011). Para Lhuilier (2014), essa atividade impedida é a base das preocupações relacionadas a saúde do trabalhador. Nesses casos:

[...] o sujeito se atrofia e sua vida psíquica fica anestesiada, em situações nas quais a atividade e a práxis se desarticulam, a confrontação com o real fica entravada, a atividade é reduzida a gestos e condutas programadas, destituídas de afeto (LHUILIER, 2014, p. 10).

Lhuilier (2014) apresenta uma abordagem do trabalho não como a parte maldita da atividade humana, e sim como a ação do homem sobre seu ambiente. Assim, ela afirma que o trabalho é o fundamento da construção do sujeito e das unidades sociais. A autora considera que o trabalho não é apenas uma atividade, mas também uma instituição de dupla funcionalidade, social e psíquica e aborda sobre a divisão do trabalho ao tratar do “trabalho sujo”. As atividades relativas ao “trabalho sujo” normalmente são marcadas pela invisibilidade social e desvalorizadas. Existe uma diferenciação entre profissões prestigiadas e as estigmatizadas, formando assim uma escala de desejabilidade moral e psicológica das profissões. Tal escala distingue as tarefas que são fontes de prazer e de gratificações narcísicas das tarefas consideradas ingratas ou condenáveis (LHUILIER, 2014).

Desse modo, as pessoas que desempenham o trabalho sujo recebem julgamentos que pesam sobre a própria autoimagem. Segundo Lhuilier (2014), essas profissões se constituem de tarefas consideradas humilhantes e degradantes, responsáveis por eliminar o que é considerado negativo em uma sociedade e, por isso, devem ficar nos bastidores. Esses empregos negativos estão ligados ao lixo, à faxina, à ordem pública, bem como a repressão das profissões que lidam com a morte, a loucura, a violência, a velhice, a marginalidade, a deficiência, entre outras (LHUILIER, 2014).

De acordo com Bendassoli e Soboll (2011), um importante tema de pesquisa das clínicas do trabalho é representado pelas diversas formas de mal estar relacionado ao trabalho, que nascem pela crescente exigência por parte das organizações. A hegemonia das organizações minam o poder de agir do sujeito. O interesse das clínicas do trabalho é resgatar esse poder de agir do sujeito, reafirmando o seu processo emancipatório, e não apenas o desempenho deles, conforme dita o discurso gerencialista, que tem como objetivo adaptar o sujeito aos imperativos de desempenho e eficiência.

2.3 O discurso gerencialista

De acordo com Onuma, Zwick e Brito (2015) o discurso ou a ideologia gerencialista é uma prática que facilita o exercício do poder pela naturalização de práticas empresariais tidas como indiscutíveis. Nessa prática, as relações humanas são instrumentalizadas, mercantilizadas. Enriquez (1997) caracteriza essa mercantilização das relações como o triunfo da racionalidade instrumental, que tende a fazer dos seres humanos objetos manipuláveis.

Para Linhares (2014), a ideologia gerencialista se difundiu com a emergência de um mundo líquido, caracterizado pela incerteza, fluidez e dinamismo organizacional, sendo marcada pelo empoderamento do mercado e secundarização dos homens. Nesse contexto, existe uma substituição da dignidade pela utilidade e da solidariedade coletiva pela celebração do mérito individual (ONUMA; ZWICK; BRITO, 2015). Para completar, Linhares (2014) afirma que esse discurso viabiliza a captura da subjetividade, fortalecendo a ética do individualismo, que busca o sucesso a qualquer custo.

A sociedade se contamina pela ideologia gerencialista em todas as suas esferas, caracterizada pela busca desenfreada pelo desempenho, formando assim a cultura do desempenho. De acordo com Gaulejac (2007), “tudo se gere”, sendo que a gestão é definitivamente um sistema de organização de poder, que se torna uma doença social a partir do momento em que ela deixa o lugar de ferramenta e passa a ser o fim de tudo, não só dentro das organizações, mas também na família, que se torna uma produtora de indivíduos produtores.

Conforme Gaulejac (2007), a gestão gerencialista é uma mistura de regras racionais, de prescrições precisas, de instrumentos de medida sofisticados, e de técnicas de avaliações precisas. Entretanto, ela possui outra face, caracterizada por regras irracionais, prescrições irrealistas e julgamentos arbitrários. É constituída por uma racionalidade fria e objetiva. Para ele, essa ideologia gerencialista é marcada por um contexto cada vez mais paradoxal, levando os indivíduos a uma submissão livremente consentida.

Essa prática de controle adveio de fenômenos como a globalização. Como resultados, tem-se um aumento de empregos precários, desqualificados, criando uma massa de desvalorizados e desafiados (GAULEJAC, 2007). O aspecto econômico passa a ser o centro e o trabalhador uma parte da engrenagem para alcançar os resultados (SALIMON; SIQUEIRA, 2013). O humano se torna um recurso a serviço da empresa. Os recursos humanos tornam-se ajustáveis de acordo com a lógica financeira, e nessa ideologia, esses recursos devem ser ajustados ao máximo (GAULEJAC, 2007).

O poder gerencialista tem o objetivo de canalizar a energia psíquica e transformá-la em força de trabalho. A ideologia gerencialista contaminou também a política, e a lógica econômica do custo-benefício tem prevalência sobre os valores políticos. A economia dita as leis. O cidadão é visto como um cliente e o estado precisa prestar um serviço com eficiência e qualidade (GAULEJAC, 2007).

Os pressupostos gerencialistas favorecem uma inversão de papéis, atribuindo aos resultados o papel de fim em si mesmo, conferindo à sociedade, e conseqüentemente aos sujeitos, o papel de meio para que a lógica financeira funcione, dando espaço ao império da racionalidade instrumental (LINHARES, 2014).

A gestão gerencialista transforma trabalhadores em agentes de desempenho. Atualmente, tem-se transferido o controle dos superiores para a própria pessoa, em um discurso de aumento da flexibilidade. Entretanto, a flexibilidade de cada agente é reduzida, devido ao controle. Se os trabalhadores não se adaptam a essas novas exigências, eles são descartados. É sempre preciso estar acima das expectativas (GAULEJAC, 2007).

2.4 O culto ao desempenho e a excelência

A excelência operacional é um objetivo buscado por todas as empresas, que, de forma geral, visam o crescimento da organização, a sobrevivência no mercado e o lucro para os acionistas. Para se atingir tal resultado, é necessário haver um gerenciamento de pessoas eficaz, voltado para o alto desempenho. Gaulejac (2007, p.87) define desempenho como “medida de resultados obtidos por um indivíduo, uma equipe, uma organização ou um processo”, sendo ele a finalidade suprema. Ainda segundo o autor, a cultura do alto desempenho traz benefícios para as empresas e pressão para os funcionários.

Outra definição trazida por Gaulejac (2007) é a excelência:

Define-se excelência como uma prática excepcional de gerenciamento de uma organização e de obtenção de resultados, repousando sobre o conjunto de oito conceitos fundamentais [...] A Excelência de resultados, que se referem ao desempenho, aos Clientes, ao Pessoal e à Coletividade, é obtida graças à *Leadership* que sustenta a política e a Estratégia que gere o Pessoal, as Parcerias, os Recursos e os Processos (Gaulejac, 2007, p.82-83).

O culto ao desempenho estabelece na sociedade e, principalmente no mundo do trabalho, uma permanente concorrência que se opõe ao conjunto dos assalariados em uma exigência de “sempre mais”. A partir disso, o trabalho deixa de ser uma atividade a ser realizada com seus tempos e horas definidos e passa a ser uma tarefa de realizar desempenhos. O foco é ser mais rápido, mais preciso, mais ativo, mais concreto (GAULEJAC, 2007, p.87). Na visão de Enriquez (1997), essa cultura reina absoluta na sociedade capitalista e tem relação com a visão dos gestores a respeito do seu papel dentro da empresa.

O culto à excelência também está ligado à percepção das pessoas quanto ao seu papel na sociedade. Existe, por nossa parte, uma exigência de nos tornarmos heróis, capazes de nos adaptarmos a qualquer circunstância imposta, tanto na vida pessoal quanto no âmbito profissional. Aqueles indivíduos que conseguirem se adaptar a estes valores serão reconhecidos como parte do social, enquanto, aqueles que não se adaptarem, serão considerados fracos e serão excluídos, tendo que se contentar com atividades subalternas, ou até mesmo serão rebaixados a categoria de desqualificados sociais, os chamados assistidos ou marginais (ENRIQUEZ, 1997).

Essa necessidade em separar os indivíduos entre pessoas qualificadas e não qualificadas, leva a doença da medida, definido por Gaulejac (2007) como quantofrenia. Esse instrumento provoca a ilusão de que a realidade pode ser compreendida e dominada com a condição de que se possa medi-la. São as condutas se tornando comparáveis numericamente. Enriquez (1997) caracteriza a medida como o único elemento de diferenciação entre seres.

Sendo assim, a ordem é atingir o êxito econômico e pessoal. A cifra da excelência traz como consequências a primazia da técnica sobre o humano, transformando os seres humanos em recursos materiais, “seres técnicos” a favor do capitalismo e do enriquecimento dos acionistas. As relações sociais se tornam relações mercantis. Não há espaço para subjetividade, pois essa não pode ser medida, sendo assim desconsiderada (ENRIQUEZ, 1997; GAULEJAC, 2007).

A empresa tem ainda o poder de significar um objeto de desejo, um lugar da socialização e do amor comunitário (ENRIQUEZ, 1997). Para Linhares (2014), o desejo de afirmação narcísica

é utilizado pela ideologia gerencialista para ocupar a totalidade do espaço psíquico das pessoas, prendendo os sujeitos em suas próprias armadilhas de onipotência e carência de amor. Assim, as empresas manipulam seus discursos indo de encontro a desejos narcísicos dos indivíduos.

Entretanto, essa dinâmica de jogo das empresas distingue os ganhadores e os perdedores. E mesmo para os vencedores, há a pressão por ganhar mais, nunca há uma estabilidade no pódio. Ele sempre deverá vencer as próximas provas. Nesse caso, os desempenhos antigos não serão computados como positivos, e sim como uma exigência de superação. Nesse tipo de jogo, todos ocupam lugares de vencedores e perdedores, menos a empresa, que com esse discurso gerencialista, consegue se manter sempre segura de sua perenidade (ENRIQUEZ, 1997).

3 METODOLOGIA

A estrutura metodológica deste artigo está apoiada na abordagem qualitativa, sendo que, especialmente no contexto dos estudos organizacionais, essa pode ser utilizada na compreensão de como o mundo é vivido pelas pessoas, com vistas ao esclarecimento de aspetos referentes à natureza da experiência vivida (LEITE E GARDINI, 2016).

Para compreender o mundo vivido sob a ótica dos filmes, foi utilizada a análise fílmica. De acordo com Sousa e Moura (2015), assim como outras metodologias, o filme torna-se uma forte ferramenta para a construção do conhecimento científico, quando utilizado de forma adequada. Na concepção de Tavares *et. al* (2012), os filmes podem apresentar diversos significados e permitem interpretações variadas.

Segundo Goliot-Lété e Vanoye (1992) citado por Assis *et. al* (2016), o filme é um produto cultural inserido num contexto socio-histórico e fornece representações que remetem direta ou indiretamente a sociedade na qual se inscreve. Assim, o filme pode ser considerado uma representação da sociedade. Para Charaudeau (2006), essas representações midiáticas apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores (CHARAUDEAU, 2006. p. 47). Além disto, o cinema é uma linguagem, entendida como um processo de conduzir uma narrativa e de veicular ideias. Portanto, os fenômenos linguísticos devem ser analisados em consonância com as circunstâncias materiais e temporais da realização do filme (MARTIN, 2005).

Conforme Ipiranga (2007), o filme não deve ser entendido como um neutro instrumento de comunicação, pois sempre envolve mais sujeitos em comunicação entre eles, a exemplo, de autor, diretor, ator, professor, espectador, estudantes. A análise de um filme deve ser composta de duas etapas, conforme afirma Penafria (2009). A primeira é a decomposição ou descrição e a segunda etapa, a interpretação, ou seja, o estabelecimento de relações entre os elementos decompostos. Para a análise devem ser estabelecidos os objetivos *a priori*, e o analista precisa ter clareza daquilo que pretende interpretar (PENAFRIA, 2009).

Gardini *et. al* (2014), com base nos estudos de Denzin (2004), afirmam que existem um conjunto de quatro princípios na utilização da pesquisa visual, incluindo a análise crítica do documento visual. Esses princípios são:

“primeiro, considerar o filme com um todo anotando impressões, questões e padrões de significados que ocorrerem; segundo, ater-se à questão de pesquisa e anotar evidências, cenas e imagens chave; terceiro, estruturar a microanálise, transcrevendo cena a cena, sempre com foco na questão de pesquisa; e quarto, procurar por padrões em todo o filme por meio de uma interpretação final redigida posterior às leituras realistas e subversivas do filme” (GARDINI *et. al*, 2014, p.7).

Nesse trabalho o objetivo é estabelecer relações entre os conceitos teóricos da ideologia gerencialista, utilizando o filme *Gattaca – A Experiência Genética* como objeto de análise. É importante ressaltar que esse trabalho não tem como pretensão fazer uma crítica ao filme, e sim empregá-lo como uma figura ilustrativa, identificando no discurso dos atores ligações com o que ocorre na realidade sobre a outra face da gestão.

Desse modo, será adotada a análise de discurso, seguindo os conceitos de Charaudeau (1983; 2001; 2006). Para o autor, todo discurso é uma representação de relação anterior a representação do mundo. Charaudeau (2006) atribui à comunicação o papel de fenômeno social que torna possível a necessidade humana de se relacionar. Já a informação é o aspecto necessário à produção do discurso em situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2006. p. 34).

Em sua obra *Discurso das Mídias*, o autor fala sobre a máquina midiática e suas construções de sentido. Ele afirma que todo discurso possui produtores, destinatários, receptores, e toda produção midiática possui efeitos esperados em relação a esses atores. Conforme Nogueira (2004) o maior compromisso de Charaudeau é a articulação entre os planos situacional e linguístico. O plano situacional se refere à realidade social em que o discurso é produzido. Já o plano linguístico, refere-se às características internas do discurso. Para Charaudeau (1983; 2001) todo ato de linguagem ocorre dentro de um tipo específico de relação contratual que define aspectos do plano situacional e do plano comunicacional e discursivo.

Segundo Nogueira (2004), o desafio de Charaudeau é articular as dimensões psicossociológicas envolvidas num ato de linguagem, podendo citar a identidade e os papéis sociais dos interlocutores, as relações sociais em que estão inseridos, os objetivos, as representações e as expectativas dos parceiros. Compreende-se então que os conceitos de Charaudeau (2006) apontam que a linguagem envolve intencionalidade, expectativas, sendo o ato comunicacional praticado por sujeitos produtores de significações languageiras. Feitas essas articulações, a análise se constitui de uma breve apresentação do filme, para em seguida apresentar a análise de aspectos identificados como comuns entre filme e teoria apresentada no referencial teórico.

4 ANÁLISE

4.1 Apresentação do Filme

O filme “*Gattaca – Uma experiência genética*” foi lançado no ano de 1997, nos Estados Unidos, em uma época em que a maioria das pessoas acreditavam que em poucos anos o mundo estaria dominado pela tecnologia. De fato, não é possível imaginar a vida contemporânea sem o uso de aparelhos que tornam mais simples muitas atividades. Entretanto, a tecnologia imaginada na obra aborda intervenções humanas até mesmo na genética dos seres, onde as pessoas mais evoluídas geneticamente terão mais oportunidades que os indivíduos imperfeitos na visão da ciência.

A partir deste ponto, o filme traz os conceitos de pessoas inválidas (que são concebidas biologicamente) e os filhos da ciência (escolhidos geneticamente em laboratório). Os primeiros estão destinados a trabalharem em empregos de menor reconhecimento, tais como faxineiros, porteiros e cozinheiros. Já os filhos da ciência conseguem trabalhos de destaque em empresas importantes.

Vincent Freeman é uma dessas pessoas consideradas inválidas, visto que foi concebido através do amor dos pais, e não de um laboratório. Este possui um sonho desde criança: ser

um astronauta. Todavia, sua limitação genética impede que seu desejo se cumpra, obrigando o personagem a manipular um material que lhe permitia enganar o sistema e ser considerado um válido. É dessa forma que ele consegue se infiltrar na empresa Gattaca, mostrar o seu valor (com a identidade de outra pessoa) e conquistar a oportunidade de viajar para o espaço.

Ao comprar a identidade com Jerome, personagem válido que sofreu um acidente de carro e ficou paraplégico, Vincent precisa seguir rituais diários para não levantar suspeitas sobre quem realmente é. Tudo o denuncia. Suas células, fios de cabelo e até mesmo sua miopia podem colocar sua identidade em risco. Para evitar que descubram seu segredo ele precisa fazer uma limpeza em sua pele todas as manhãs por meio da esfoliação, além de colocar fios de cabelo de Jerome em sua gaveta e teclado do computador da empresa.

A segregação social ocorre logo após o nascimento de uma criança, onde a equipe médica emite um relatório a partir de um exame de sangue para mapear quais probabilidades de se ter uma doença e também a expectativa de vida. No caso do protagonista, a expectativa era 32 anos. Desde sua infância Vincent sofreu preconceito pelo fato de ter sido concebido de forma natural, não podendo frequentar qualquer escola, incentivando seus pais a recorrerem à tecnologia para terem o segundo filho, Anton, que seria manipulado geneticamente com um conjunto das melhores características do pai e da mãe.

Mesmo sendo ilegal a discriminação e independente das mentiras que Vincent contava em seu currículo, ele não conseguia ter a oportunidade que sempre quis, pois seu verdadeiro currículo estava em suas células. Não havia motivo para as empresas investirem em treinamento para uma pessoa com baixa expectativa de vida enquanto tinham disponíveis milhares de pessoas geneticamente mais capazes de fazer o mesmo trabalho de um inválido.

O desenrolar do filme se resume à busca das autoridades atrás do assassino de um dos diretores da corporação e aos desafios encontrados por Vincent para driblar as ferramentas de controle. O filme é finalizado com o conflito entre Anton e Vincent, que se desafiaram a vida toda, tendo sempre o irmão inválido como perdedor. Ao mesmo tempo em que Vincent consegue realizar o seu sonho, Jerome consegue se livrar do fardo de ser um válido que se tornou inválido, cometendo suicídio em um forno.

4.2 Válidos X Inválidos

Enriquez (1997) e Gaulejac (2007) denunciam a segregação social trazida pela cultura do alto desempenho. Conforme os autores, aqueles que não se adaptarem às exigências do sistema gerencialista serão considerados fracos e seu destino será, na melhor das hipóteses, buscar atividades subalternas, ou então serão rebaixados a categoria de desqualificados sociais.

A finalidade do sistema capitalista, governado pelo império da razão instrumental, é transformar cada indivíduo em utensílio adaptado à empresa. Para ser válido, é preciso estar sempre acima das expectativas (GAULEJAC, 2007). É a divisão social apresentada pelo filme: a sociedade dividida entre os válidos e os inválidos. Os válidos são produtos de alta qualidade e os inválidos são os produtos com falhas e fadados ao fracasso pelo fato de não terem sido concebidos pela mão tecnologia, e sim pela natureza.

No livro *Gestão como Doença Social*, Gaulejac (2007) fala sobre a adesão da família a essa ideologia gerencialista. O objetivo da família, neste cenário, passa a ser “fabricar indivíduos empregáveis” (GAULEJAC, 2007, p.181). Os pais estão tão preocupados em preparar os filhos para sua carreira profissional e se esquecem de prepará-lo para viver em sociedade. Os pais de Vincent, vendo que seu filho era considerado um inválido e improdutivo para o sistema vigente, escolheram “produzir” um filho válido, elaborado por manipulação genética

de um laboratório. No âmbito da obra, essa prática é considerada normal para a sociedade. Na esfera real, essa realidade não está distante.

No filme é manifesta a separação entre as profissões destinadas aos válidos e inválidos. Esses últimos deveriam se ocupar da limpeza, retirada dos lixos, entre outras tarefas, que de acordo com Lhuillier (2014), são profissões se constituem de tarefas consideradas humilhantes e degradantes, responsáveis por eliminar o que é considerado negativo em uma sociedade e por isso devem ficar nos bastidores. Eles trabalhavam como invisíveis sociais, o que era garantido pelos uniformes em cor cinza, sempre iguais, sem nenhuma diferenciação entre eles. Era um trabalho considerado ingrato e condenável. Já os válidos ocupavam posições de executivos, usavam ternos, tinham acesso a computadores, entre outros aparatos.

Por esses motivos, Vincent Freeman precisava passar por um ritual diário de luta contra si mesmo, já que uma célula era capaz de denunciá-lo como inválido. Para reduzir o risco ao máximo, o protagonista realizava ações diárias, como se raspar e se esfoliar. Esse ritual fazia parte da transformação diária de Vincent em Jerome Morrow. Vincent inclusive continuava sua rotina ao chegar na Gattaca, empresa onde trabalhava, colocando fios de cabelo e células de Jerome em seus materiais de trabalho. Refletindo sobre isso, entende-se que existe uma mistura entre os instrumentos de trabalho e o indivíduo, que se torna mais um instrumento como o computador, o teclado. Além disso, pode se fazer uma reflexão em relação ao sequestro de subjetividade feito pela ideologia gerencialista. Em busca de manter seu cadastro como válido na empresa Gattaca, Vincent removia tudo o que era seu, afinal, o que valia para a Gattaca era o que aparecia nos monitores, era a medição genética, e não sua subjetividade.

Na fala de Vincent, ele fazia parte de uma subclasse social discriminada a nível de testes científicos, devido a sua genética, por não ter sido programado por laboratório. Correlacionando ao livro de Gaulejac (2007), esse cenário demonstra que os problemas sociais foram transferidos para o plano individual, ou seja, a culpa é do indivíduo por não ser excelente como deveria, por não alcançar as metas definidas para ser válido nessa sociedade.

A culpa sempre é dos trabalhadores, que ficam em constante luta para alcançar desempenhos superiores, enquanto as empresas permanecem perenes, assistindo o jogo do outro lado do monitor, assistindo o trabalhador adoecendo, se matando, entre outras consequências (ENRIQUEZ, 1997).

O filme traz o padrão do ser humano “válido” programado geneticamente para não ter doenças, ser superior aos demais, é o culto aos campeões, o que se torna um fardo àqueles que foram produzidos para serem perfeitos.

4.3 O Fardo do sucesso garantido – o “culto aos campeões”

Para Gaulejac (2007), nessa sociedade “gerenciada”, o sucesso se torna um valor pervertido. Todos querem ser campeões. Todavia, a competição rumo a melhor colocação é baseada na ilusão do sucesso. Para tanto, o autor cita as disparidades de reconhecimento entre artistas de TV, atletas, jogadores de futebol, e os pesquisadores, os médicos, entre outros profissionais que não são reconhecidos como modelo de sucesso nessa sociedade. Enriquez (1997) afirma que a empresa passa a utilizar a lógica do mundo dos esportes

O imaginário do sucesso leva cada um a querer ser o melhor (GAULEJAC, 2007, p. 84). Vincent tinha uma ilusão com um modelo de sucesso, para ele, só alcançaria o sucesso quando estivesse dentro de uma nave, indo para o espaço. Ele precisava sair desse planeta para encontrar o sentido de sua vida. Conforme afirma Enriquez (1997), a empresa tem o poder de significar um objeto de desejo, um lugar da socialização e do amor comunitário. Para Linhares (2014), ela estimula um desejo de afirmação narcísica, que ocupa o espaço psíquico

das pessoas, prendendo os sujeitos em suas próprias armadilhas de onipotência e carência de amor. Desde criança, Vincent tinha o sonho de ir para o espaço, e ele entendeu que só concretizaria esse sonho sendo um funcionário válido da Gattaca. Sendo assim, é depositado na empresa todo seu desejo e todas as suas ações são voltadas para o for necessário para ser aceito nesse grupo.

O filme mostra que, para os geneticamente superiores, o sucesso era garantido. Entretanto, algo que não fica explicado é como Jerome, um modelo de sucesso, válido, atleta, vencedor, um exemplo de campeão, tenta se suicidar. Indaga-se então o que pode ter dado errado. O filme relata que o fardo de Jerome era o fardo da perfeição, e, quando ele fica paraplégico, sua identidade se torna uma *commodity*, pois o que tinha valor era o que a sociedade sabia dele, e a sociedade não sabia que ele se tornara um inválido. Assim, ele vende sua identidade a Vincent, para que em troca ele o represente perante a sociedade, como um válido.

Nesse contexto da *Gestão como doença social*, tem-se a regra: “ou ganha ou desaparece” (GAULEJAC, 2007, p.84). Enquanto Jerome era visto como um campeão, ele tinha visibilidade perante a sociedade. Entretanto, após o incidente que o deixara preso a uma cadeira de rodas, ele desapareceu, ninguém mais o via. A excelência jamais é alcançada, a comparação entre ser “o melhor” leva em conta o próprio indivíduo, em fases anteriores. (GAULEJAC, 2007, p. 84). Cada um busca ser sempre melhor e mais rápido, já que nesse sistema, tudo é medido em tempo real. De acordo com Enriquez (1997), o indivíduo sempre deverá vencer as próximas provas, os desempenhos antigos não serão computados como positivos, e sim como uma exigência de superação.

4.4 A ditadura do tempo real e a quantofrenia

O filme mostra a todo momento os trabalhadores da Gattaca sendo solicitados para fazer testes. Até mesmo para entrar na empresa, era necessário colher uma gota de sangue, e em tempo real aparecia no monitor as informações sobre a pessoa. O avanço das tecnologias informáticas e de telecomunicações instituiu uma “ditadura do tempo real” (GAULEJAC, 2007, p. 41).

A ideologia gerencialista transforma trabalhadores em agentes sociais de desempenho (GAULEJAC, 2007). O culto ao desempenho introduz no mundo do trabalho uma concorrência permanente. É necessário ser mais rápido, mais preciso, mais ativo, mais concreto. A quantofrenia é a doença da medida, que traz uma ilusão de domínio sobre o mundo, ela traduz fenômenos humanos e sociais em linguagem matemática. Para Enriquez (1997), nesse contexto gerencialista, a medida se tornou o único elemento de diferenciação entre seres.

No filme, com o nascimento da criança já era determinada a causa da sua morte, a probabilidade de doenças e a expectativa de vida. O contexto social é reduzido a números e indicadores, que retiram sua essência. No filme, Vincent Freeman afirma sua inquietação com essa quantofrenia ao dizer: “Meu verdadeiro currículo eram minhas células”. A entrevista de emprego consistia em um teste genético, outras informações sobre o sujeito não eram consideradas.

Em três momentos, o filme aborda a competição entre Vincent e seu irmão, um válido. Ao contrário dos resultados dos testes genéticos, Vincent queria ser melhor que seu irmão, o que é apresentado nas cenas de competição de natação no mar. Certo dia, ele ganhou de seu irmão, mesmo sendo mais baixo e com genética inferior, havia algo em Vincent que seu irmão não tinha, e isso não poderia ser medido.

Isso comprova que a todo o momento existe uma competição, uma medição. O indivíduo é forçado a alcançar sempre mais, a se gerenciar como uma ferramenta de resultados. É a “ciência gerencial” sobre a qual discute Gaulejac (2007, p. 66) afirmando a visão economista do ser humano. O ser humano passa a ter um valor mensurável, suas condutas podem ser comparáveis, o que remete à mercantilização do ser humano.

4.5 Vende-se uma identidade! A mercantilização do ser humano

No livro, a gestão é apresentada como uma tecnologia de poder. A ideologia gerencialista legitima a mercantilização do ser humano, transformando-o em “capital que convém tornar produtivo” (GAULEJAC, 2007, p. 28). É o que ocorre no filme, conforme conta Vincent, “a identidade se torna uma *commodity*” o que vai de encontro ao que Gaulejac (2007) traz sobre a inversão das prioridades. O dinheiro permite qualquer troca, até mesmo de algo que não se imaginava ser transacionado.

Com o discurso gerencialista, as relações humanas passam a ser instrumentalizadas. Para Enriquez (1997) essa mercantilização das relações marca o triunfo da racionalidade instrumental, que tende a fazer dos seres humanos objetos manipuláveis. Vincent, em busca de seu sonho, aceita se sujeitar a qualquer procedimento para se tornar um válido, para ser aceito naquela sociedade. O procedimento mais impactante mostrado no filme é quando ele tem que fazer uma cirurgia para aumentar em cinco centímetros suas pernas, pois era mais baixo que Jerome. Ele suportou a dor e o sofrimento, sempre com o pensamento fixo em alcançar o espaço. “Agora estou cinco centímetros mais perto do céu” foi o que ele disse após a operação. Entretanto, entre ele e o espaço tinha a empresa Gattaca, e ele precisaria se sujeitar a todas as práticas organizacionais dessa empresa para alcançar seu sonho.

Vincent inicialmente queria ser aceito da forma que era, mas percebeu que naquela sociedade isso não seria possível. Seu sofrimento era devido ao impedimento de suas atividades que sempre teve desde criança. Ele não podia brincar, pois se machucaria, não podia frequentar a escola, pois era um inválido. Assim, ele percebeu que para ser aceito na Gattaca e naquela sociedade, precisaria imitar os válidos, se destituindo de afeto, afastou-se da família e passou a executar atividades e gestos programados, assim como o faziam os válidos. Ele se transformou em um instrumento, se rendendo à ditadura gerencialista.

Linhares (2014) afirma que o discurso gerencialista viabiliza a captura da subjetividade, fortalecendo a ética do individualismo, que busca o sucesso a qualquer custo. Vincent buscava o sucesso a qualquer custo. Ele não se importava com o que precisaria de fazer, adotando uma conduta ética ou não, ele queria alcançar seu objetivo. Mesmo que para isso fosse necessário passar por procedimentos dolorosos, mentir, fugir, se passar por outra pessoa, ou até mesmo matar quem descobrisse seu segredo. A ideologia gerencialista suprime valores pessoais, sociais, éticos. O resultado passa a ter valor central em detrimento da subjetividade. O discurso é tão mobilizador que o próprio ser humano se submete espontaneamente às práticas de desempenho e excelência inatingíveis, fazendo de si mesmo um utensílio.

5 CONCLUSÃO

O trabalho objetivou discutir sobre a outra face da gestão tratada no livro *Gestão como doença social*, de Vincent Gaulejac, por meio de uma análise fílmica do filme *Gattaca – A Experiência Genética*. O filme serviu como uma ilustração de vários temas trazidos pelo livro de Gaulejac sobre a ideologia gerencialista dominando o contexto social, e a instrumentalização do homem.

Foi possível fazer diversos relacionamentos entre filme e teorias. Dentre eles, se destaca a separação entre os válidos e inválidos, sendo os válidos aqueles que conseguem se manter superiores e alcançar as metas de desempenho impostas pelas organizações, as quais dominam a sociedade. Também se destacou o culto aos campeões e a doença da medida em tempo real, fatores esses que foram apresentados em todo o percurso do filme, bem como as medições de validez, os testes genéticos, e a mercantilização do ser humano. Esses são fatos concretos no filme, exibido quando Jerome vende sua identidade a Vincent.

Na obra cinematográfica, Vincent gerencia a si mesmo como se fosse um instrumento em busca de uma realização pessoal. Para atingir sua meta, ele passa por cima de tudo o que surge como obstáculo para alcançar seu objetivo. Ele não demonstra sofrimento, afinal, ele não se apresenta como um sujeito, e sim como um objeto, com o qual tudo é possível em vistas a um fim desejado.

O filme também mostra a família como produtora de indivíduos produtivos. Vendo que seu primeiro filho era um inválido, os pais de Vincent fabricaram um filho por laboratório, para que ele fosse válido, produtivo, excelente, um produto de alta qualidade e mínimo de falhas, ao contrário do irmão, que já nascera com baixa expectativa de vida, com falhas na visão e no coração, era um produto estragado.

Essa noção de qualidade aplicada ao ser humano é uma das críticas de Gaulejac (2007) e a equação mágica: Qualidade = Excelência = Sucesso = Progresso = Desempenho = Comprometimento = Satisfação das necessidades = Responsabilização = Reconhecimento = Qualidade... e assim se torna um ciclo inalcançável.

O final da história mostra a fuga de Vincent e Jerome: enquanto um vai para o espaço, outro se suicida em um forno, trazendo a reflexão sobre a impossibilidade de lutar contra esse sistema, contra esse mundo gerenciado. Será necessário sair dele? Outra reflexão é tentar entender o que deu errado com Jerome, um ser válido, atleta e modelo de sucesso. O que poderia dar errado a ponto de não ser explicado pela tecnologia e pelos sistemas de medição? Possivelmente algo relacionado a subjetividade, aspecto esse descartado pela ideologia gerencialista.

O poder hegemônico das organizações mina o poder de agir do sujeito. Os resultados financeiros passam a ser o centro de tudo, e os valores sociais ficam marginalizados. A contribuição desse trabalho é trazer a tona uma reflexão sobre esse discurso gerencialista que afeta todas as instituições sociais, desde a família, a política, e até mesmo o espaço psíquico do sujeito a seu favor, reafirmando o poder de agir dos sujeitos, que podem utilizar sua criatividade para transformar essa realidade, sugerindo uma recusa a esse sistema que aliena, adoce e mata. O trabalho é fonte de prazer e sofrimento, entretanto ele deve ser apenas uma esfera da vida humana, e não o contrário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, M. A.; LEITE, N. R. P.; PEREIRA, R. L.; VIEGAS, O. E. Carreira Orientada por Valores: Um Estudo Observacional Baseado no Filme 'Escritores da Liberdade'. *XV Semead*, FEA-USP, São Paulo, 2012.

ASSIS, L. B. de; ALVES, C. A.; PAULA, A. P. P; MARTINS, M. G. Bildung e a nota de 100 dólares: Análise do filme "Quem quer ser um Milionário" a partir do sentido de Formação para os Frankfurtianos. *IX Encontro de Estudos Organizacionais ANPAD - ENEO*. Belo Horizonte, 2016.

BENDASSOLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. *Clínicas do trabalho*. São Paulo, 2011.

CARVALHO, M. V. B; GARCIA, F. C. Prazer e sofrimento no trabalho de professores do ensino fundamental e médio: estudo de caso em uma escola estadual da cidade de Curvelo-MG. *SemeAd XIV*, FEA-USP, São Paulo, 2011.

CHARAUDEAU, P. *Langage et Discours*. Paris: Hachette, 1983.

_____. *Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem*. In: MARI, H.; MACHADO, I.; MELLO, R. (orgs.). *Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 23-38.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DENZIN, N. K.; Reading film: using films and videos as empirical social science material. IN: FLICK, U.; KARDORFF, E.; STEINKE, I. (Ed). **A companion to qualitative research**. Sage Publications, London, p. 238-242, 2004.

ENRIQUEZ, E. Os desafios éticos nas organizações modernas. *Revista de Administração de Empresas*, v. 37, n. 2, p. 6-17, 1997.

_____. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Jorge Zahar, 1990.

_____. *O papel do sujeito humano na dinâmica social*. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, p. 25-49, 2001.

FREITAS, A. D. G.; LEITE, N. R. P. Linguagem fílmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. *R.Adm.*, São Paulo, v.50, n.1, p.89-104, 2015.

GARDINI, A. P. S.; ARAUJO, R.; SILVA, M. A. B.; LEITE, N. R. P. Gestão de equipes à luz do filme “A gangue” está em campo. *XVII Semead*, FEA-USP, São Paulo, 2014.

GAULEJAC, V. de. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias e Letras, p. 7-142, 2007.

GOLIOT-LÉTÉ, A.; VANOYE, F. *Précis d'analyse filmique*. Paris: Nathan, 1992.

IPIRANGA, A. S. R. A narração fílmica no ensino de gestão de pessoas e de comportamento organizacional. *Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem*, p. 81-91, 2007.

LEITE, N. R. P; GARDINI, A. P. S. As diferenças individuais e o discurso pedagógico, à luz de cinco filmes. *XIX Semead*, FEA-USP, São Paulo, 2016.

LHUILIER, Dominique. Introdução à psicossociologia do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, n. SPE, p. 5-20, 2014.

LINHARES, A. R. P. Um diálogo entre a modernidade líquida, o gerencialismo e teoria do reconhecimento no mundo do trabalho. *Gestão e Sociedade*, v. 8, n. 21, p. 715-734, 2014.

MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro, 2005.

NOGUEIRA, C. M. M. Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charaudeau. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências* (Belo Horizonte), v. 6, n. 1, p. 66-71, 2004.

ONUMA, F. M. S.; ZWICK, E.; BRITO, M. J. Ideologia Gerencialista, Poder e Gestão de Pessoas na Administração Pública e Privada: uma interpretação sob a ótica da Análise Crítica do Discurso. *Revista de Ciências da Administração*, v. 17, n. 42, 2015.

PENAFRIA, M. Análise de filmes – conceitos e metodologias. 2009. Texto disponível na Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Link: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf> <Acesso em 05 de jun. 2017>

PIRES, W. *Qualidade de vida* 2007. [S.I. s.n.] 2007.

SALIMON, M. I.; SIQUEIRA, M. V. S. Ideologia gerencialista e subjetividade do trabalhador no terceiro setor. *Revista de Administração*, v. 48, n. 4, p. 643-657, 2013.

SOUSA, A. F.; MOURA, B. A. Os planos no filme Gattaca: subsídios para discutir a natureza da ciência pelo cinema. *X ENPEC*, Águas de Lindóia, 2015.

TAVARES, C. A. B.; FREITAS, A. D. G.; LEITE, N. R. P. “Um time, um país” – Um estudo sobre a eficácia da liderança à luz da análise fílmica *Invictus*. *XV Semead*, FEA-USP, São Paulo, 2012.